



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Domínio Público', de Paulo Castilho]

Maria Vitalina Leal de Matos

Para citar este documento / To cite this document:

Maria Vitalina Leal de Matos, "[Recensão crítica a 'Domínio Público', de Paulo Castilho]", *Colóquio/Letras*, n.º 179, Jan. 2012, p. 242-243.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Paulo Castilho
DOMÍNIO PÚBLICO

Lisboa, Publicações Dom Quixote / 2011

O último livro de Paulo Castilho constitui, a meu ver, uma obra-prima. Provavelmente o seu melhor livro, numa carreira que já averba êxitos notáveis, não obstante o autor adotar um discreto *low profile*.

De escaldante atualidade (embora não contenha qualquer data que permita situá-la rigorosamente) — o enredo desenlaça-se com a sorte de ações (bolsísticas) fraudulentamente valorizadas no início da crise do *primesharing*. Neste ambiente, o autor cria um pequeno universo de sete personagens, interligadas pelo trabalho e pelas sucessivas relações sexuais, sendo a principal um obscuro escritor, Filipe Correia, o centro geométrico das restantes.

No estilo seco que é seu timbre, o narrador, ou melhor os narradores (pois são três as personagens que assumem o discurso) vão construindo uma história que parece evoluir em torno das relações aleatórias (emocionais, sociais, laborais) das personagens e respetivas complicações; mas que, efetivamente, se vai tecendo à volta de uma fundação a dar os primeiros passos — a Fundação Pedro Póvoa.

O filho de Pedro Póvoa, cumprindo a vontade mais ou menos expressa do pai, pretende dar ao domínio público o espólio dessa personalidade extravagante, amante da língua portuguesa e colecionador de excelente gosto e relações que — tendo casado com uma herdeira rica — acumulara escritos, livros, quadros, que é preciso agora organizar e patentear através de uma instituição apoiada na considerável fortuna que administra e que consiste principalmente nos proveitos de títulos investidos na Bolsa de Londres. As duas vertentes, a íntima e a pública (ou aquilo que o virá a ser) entrelaçam-se, criando um panorama de grande atualidade e

pertinência: o total amoralismo no plano sexual — que se quer desprendido de sentimentos e banalizado ao nível da simples necessidade fisiológica — convive com códigos de comportamento zelosamente cumpridos ou infringidos com explícitos sentimentos de culpa: a lealdade nas relações interpessoais, a honestidade nos dinheiros e no trabalho, a absoluta igualdade dos sexos (nos direitos e nos deveres), a defesa apaixonada do património (material, histórico literário, ou outro) e até alguma consciência e sentido de responsabilidade ambiental.

Este pequeno universo — em que o tom predominante é o do cinismo ácido, sem amarguras nem estados de alma afins, expressado no desembaraço da escrita es-correita e pontuada por um discreto mas constante sentido de humor, sempre presente nas obras de Paulo Castilho — vai ganhando contornos e consistência, e dá origem ao aparecimento de novas personagens, secundárias mas desenhadas com talento ímpar. Uma personagem enigmática (Maria Adelaide), um novo-rico exímio em todas as fraudes (Jerónimo), e um pequeno funcionário medíocre (Inocência).

Este último constitui um perfil a figurar nos «Óscares» da literatura portuguesa, ao lado de um Euzebiozinho ou de um Raposão, de Eça de Queiroz, ou de um Eusébio Macário, de Camilo. Inocência Baptista constitui o protótipo da sabujice, da vaidade balofa, da pedinchice falsamente humilde, da incoerência e do ridículo que farão dele a caricatura daquilo que há de pior no povo português. Com a exemplaridade dum Zé Povinho, mas sem a coragem para fazer um manguito.

Este microcosmos sai duma escrita que recusa o relato e se deduz completamente através dos discursos direto ou indireto livre. A narrativa faz-se por meio das falas dos três narradores. Não há descrições, ex-

posições, perfis. Apenas a linguagem enxada do discurso, avessa a qualquer empoalamento; a frase curta, seca, sem ligações expressas. Dir-se-ia que o *desprendimento* governa este mundo construído quer ao nível das relações humanas, do conteúdo, quer ao nível da sintaxe.

Surge assim uma Lisboa contemporânea — jovens cultos e talentosos desempregados e a pensar na emigração; uma dissolução moral que alastra a todos os domínios; a família a decair e a desaparecer; a solidão a espalhar-se como nódoa de nafta num imenso desastre ecológico; criminosos de colarinho branco impunes e peritos em todos os «esquemas», pedantes e incultos, tudo isto criando um clima que uma outra voz, a de um escritor irritadido e mal disposto através do seu blogue, vai diagnosticando em *sotto voce*, num pessimismo clarividente, mas que também acaba por desistir.

A história desemboca num desenlace de grande efeito, caso de polícia nacional e internacional, investigando os ativos tóxicos que a família de Pedro Póvoa preferiu aos investimentos conservadores, num final de que resulta o infortúnio de algumas personagens e a fortuna de outras. Pequenos dramas desdramatizados, testemunho duma atualidade pungente cuja origem os poderosos garantem conhecer, e para a qual julgam ter os remédios, enquanto nos afundamos no centro do vórtice.

Maria Vitalina Leal de Matos

Júlio Moreira
O DIA CLARO

Lisboa, Oficina do Livro / 2011

No seu último romance, Júlio Moreira propõe-nos acompanhar a história de *O Dia Claro*. Livro surpreendente cujo título é incessantemente contrariado e des-

mentido pelo enredo que a nossa leitura desvenda, contradição que o subtítulo, *Todas as Ambições Têm Um Preço*, já deixava adivinhar. Organizado em cinco grandes partes, subdivididas em capítulos de tamanho e registo diversos, à exceção do último, que se apresenta sem divisões formais mas com compartimentações marcadas graficamente na página, o romance conta a história de várias e heteróclitas personagens cujos destinos se vão cruzando e mutuamente influenciando.

Uma galeria de personagens toma a palavra e desfia os seus pensamentos, as suas preocupações, os seus anseios, os seus temores. Inaugurando-se com um diálogo, a intriga abre-se pondo frente a frente Maria, uma jovem poeta refugiada política em fuga de uma guerra de um país de leste, e Marcelo, um *fabricado* candidato a primeiro-ministro. Em torno de Maria e Marcelo gira um conjunto de personagens pertencentes ao mundo da política, das finanças e das artes: Victor, o professor universitário; Bárbara, a psiquiatra lésbica; César, o realizador homossexual; Albertina, a galerista lésbica; Eduardo, um alto dirigente político de esquerda com grande influência que exerce na sombra manipulando as escolhas do partido; Ivone, a excêntrica mulher que dirige um salão literário; Leopoldo, destacada figura do mundo da economia e das finanças; Fernando, o aristocrata humanista, dono do Retiro (espaço de encontros e festas); e Gino, o estudante de cinema, desertor de uma guerra de um país da Europa central.

É neste universo fechado e elitista, que se pauta por uma defesa exacerbada de interesses mais ou menos secretos sustentados no cumprimento de códigos e rituais que os assemelham a tribos ou confrarias, que Maria e Gino mergulham na tentativa de reconstruir as suas existências interrompidas pela guerra. Maria e sobretudo